

## JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

### A África que descobri na escola

**Marli de Oliveira Silva**  
ylderalbano@gmail.com

Nós construímos conhecimento através das(os) professoras(es) que passam pela nossa jornada escolar. Cada docente molda nosso olhar para o mundo. A professora Gardênia, por exemplo, ensina-nos, através da História, a olhar para o passado e compreender o presente. A professora Flávia Ferreira mostra o valor da Matemática para a nossa vida. O professor Luciano desenvolve um projeto de aperfeiçoamento para o Spaece. Já Melissa Ribeiro, a primeira pedagoga transexual de Chorozinho, evidencia com a sua presença, que corpos marginalizados podem e devem ocupar diversos espaços. E o professor Ylder Albano me apresentou um novo olhar sobre a África por meio do Círculo de Leitura: História e Literatura Africana. Cada docente ensina assuntos diferentes e, juntos, contribuem para formar o nosso pensamento crítico.

Em 2025, passei a fazer parte do Círculo de Leitura e, em 2026, eu e Maria Alice

apresentamos o projeto na feira estadual da Uece. Participar deste projeto tem sido uma experiência transformadora. Proporcionou-me vivências incríveis e uma verdadeira virada de chave, pois pude conhecer novas culturas, pessoas e lugares. Essas ações me tiraram da rotina e me mostraram um mundo que eu não conhecia, especialmente no que diz respeito à África. Parte do meu conhecimento vem da literatura afrocentrada. Antes, não tive acesso a livros que colocassem mulheres africanas ou a própria África como protagonistas. Desse modo, penso em como é transgressora uma educação que se preocupa com pessoas subalternizadas.

Em suma, espero que tenhamos mais educadoras(es) antirracistas e feministas, especialmente em comunidades rurais como a nossa, Patos dos Liberatos, pois reconheço que a educação que recebemos hoje nos ajudará no futuro enquanto comunidade. Portanto, ressalto a importância da valorização das(os) professoras(es), pois a sabedoria é a única coisa que o tempo é incapaz de arrancar do povo.

### Entre o alto desempenho, o mascaramento e a invisibilidade

**Beatriz Bertoldo**  
jornaldoleitor@opovo.com.br

Fui diagnosticada com transtorno do espectro autista somente aos 18 anos. Dois médicos confirmaram o diagnóstico de superdotação e altas habilidades e também de autismo nível 2. Essas habilidades contribuíram para que eu fosse vista como uma criança muito inteligente. O problema é que um bom desempenho acadêmico não significava que todas as outras dimensões da minha vida escolar estivessem funcionando da mesma maneira.

Essa experiência me fez perceber de maneira muito concreta os limites de uma educação excessivamente orientada por resultados.

Notas são importantes. Avaliações são importantes. O desempenho acadêmico é importante. O problema começa quando essas coisas deixam de ser instrumentos para acompanhar a aprendizagem e passam a representar o valor do estudante.

É justamente por isso que acredito que professores, coordenação e direção precisam olhar para o estudante para além de suas

notas. Isso não se aplica apenas aos alunos autistas. Cada estudante possui diferentes habilidades, limitações, interesses, formas de aprender e necessidades.

A própria formação pedagógica reconhece a importância de considerar essas diferenças. Ainda assim, muitas instituições continuam trabalhando com uma lógica de padronização. Isso não significa criar uma educação sem exigências. Significa criar uma educação capaz de reconhecer que diferentes alunos podem precisar de caminhos diferentes para chegar ao mesmo objetivo.

Essa é uma das razões pelas quais acredito que a escola precisa abandonar uma visão simplista de inteligência.

Não acredito que seja responsabilidade do professor diagnosticar seus alunos, nem que todo comportamento diferente deva ser imediatamente associado a uma condição clínica. Entretanto, considero responsabilidade da escola observar, registrar, conversar com a família, buscar orientação especializada quando necessário e, principalmente, não transformar dificuldades persistentes em julgamentos sobre o caráter do estudante.

## O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

### A lição que vai além da sala de aula

**Gracyanne Matos Lima**  
Aluna da Escola Diva Viana, Campanário-Uruoca

Lucas, aos 14 anos, cogitou abandonar a escola. Em casa, situação difícil. O pai fazia alguns trabalhos quando apareciam; a mãe, também desempregada. O dinheiro nunca era suficiente. Diante disso, Lucas achava correto deixar os estudos e trabalhar, mesmo sendo um estudante de destaque. Triste, sabia que, agora, seu futuro estava em xeque.

A professora Marta percebeu o contraste: antes era participativo, agora passava o tempo calado. Depois da aula, chamou-o para conversar. No início, Lucas disse que estava tudo bem, mas não conseguiu esconder o que sentia. Contou: queria desistir da escola para ajudar os pais, pois achava que estudar talvez não faria diferença na sua vida. A professora o ouviu, sem julgamentos.

Calmamente, Marta explicou que as dificuldades são da vida, mas a educação abriria caminhos que o trabalho naquele momento jamais abriria. afirmou ainda que, como professora de Lucas, não o permitiria desistir. Por isso, apoiou o menino integralmente e conversou com os pais do garoto sobre a situação.

Depois do apoio da professora e dos pais, Lucas decidiu dar mais uma chance a si. Continuou estudando, pediu ajuda quando precisou e, aos poucos, retomou a esperança. Os problemas em casa não desapareceram, porém, passou a enxergar a escola como uma oportunidade de mudar o seu futuro e da sua família.

Anos depois, formado e estável financeiramente, Lucas voltou à escola para agradecer à professora Marta. Aquela conversa tinha mudado sua vida. Compreendia: um professor extrapola o ensinar. Ele acolhe, motiva e faz os alunos acreditarem que são capazes de vencer. Um professor é, de fato, um agente capaz de moldar toda uma história.



### O papel da educação na sociedade

**Liane Leal**  
Aluna do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará (IFCE)

A educação é de suma importância no mundo, pois dá oportunidades para jovens e adultos alcançarem seus sonhos e criarem uma opinião sobre o mundo que os cerca, fornecendo os meios necessários para sustentar a si e a sua família e se inserir nos debates da sociedade.

Trata-se de uma tarefa complexa, pois envolve vários elementos. Enquanto as escolas oferecem a estrutura física e garantem a base dos conteúdos de acordo com a legislação vigente, os educadores proporcionam os meios de entendimento, promovem o ensino e ajudam a desenvolver habilidades em crianças e jovens. Já as famílias influenciam na continuidade do estudo em casa e devem apoiar os filhos.

O livro “Uma professora muito maluquinha”, de Ziraldo — adaptado também para o cinema — exemplifica e contribui para uma reflexão sobre o tema, uma vez que a professora é rejeitada pelos pais por propor uma metodologia alternativa de ensino que desperta o interesse dos alunos em ler e aprender. Por meio dessa obra de ficção, podemos perceber que a estrutura familiar é inteiramente responsável pelos hábitos desenvolvidos pelas crianças, bem como o estímulo à educação.

Em um país onde existe uma elitização histórica do acesso ao conhecimento, é necessário que medidas sejam tomadas para que a educação continue tendo seus objetivos realizados. Para tanto, cabe ao Ministério da Educação elaborar políticas públicas e dar todo o suporte necessário para que a educação possa ser prioridade e cumprir o seu papel.

### A educação que se aventura educando

**Iasmin Bezerra**  
Aluna da Uece, membro do Conselho de Jovens Leitores **O POVO**

A educação começa antes da vivência escolar, é nas aprendizagens rotineiras que começamos a construir um mundo particular que em dado momento deságua no ambiente escolar.

Falar sobre como a educação me transformou é lançar um olhar astuto pelos anos que passei na escola e agora, na universidade. Lembrar com carinho do que vivi, acolher os momentos ruins e tentar entendê-los sob uma outra ótica. É revisitar memórias deliciosas de quando a maior preocupação que tinha era se ia dar tempo de a professora terminar de ler o livro escolhido da semana. Rememorar os primeiros textos lidos e redescobrir apaixonamentos tão fincados na minha existência. Educar também é um ato de relembrar.

Sendo assim, lembro com um sorriso no rosto a professora do primeiro ano do Fundamental 1, que tinha o poder de encantar qualquer história e transformar qualquer livro em uma grande aventura. Mesmo que eu tenha crescido cercada por mulheres contadoras de histórias, ver na minha professora essa habilidade me fez enxergar o mundo de outra forma. As fantásticas criatividade infantis demoram a se esvaír e agradeço aos professores que se esforçaram para tal, pois os anos que se seguiram continuaram a me surpreender.

O Fundamental 2 chegou de uma outra forma, escola nova, mais expectativas, cobranças, conteúdos. A pressão das boas notas foi ficando maior, quase como um aperto no meio do peito. E de repente, sem saber como nomear, o Ensino Médio chegou. Assustador de primeira, mas depois, com a ajuda de professores amigos, se tornou mais fácil e provável de acontecer. A vida tão presa à rotina começou a ter novos ares, as aulas voltaram a ser dialogadas. Nesses anos todos vivi o que Paulo Freire e bell hooks ensinam sobre a educação que liberta e cria o indivíduo capaz de agir por conta própria.

Na universidade pude teorizar o que vivi e voltar à curiosidade que outrora criou tantos universos. Foi da sensibilidade de professoras e professores fantásticos que comecei a dar meus próprios passos como pesquisadora e a ocupar espaços que imaginava enquanto criança.